

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 20 — VOL. III.

Sabbado 21 de Maio de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — A nympha do lago Albano — Contos populares da Irlanda, continuação — A villa d'Estremoz — Milton, continuação — A cidade d'Evora — A menina dos cabelos brancos, continuação — A cidade de Vercelli — A propriedade litteraria — Alva Estrella, continuação — A' minha estrella — Miscellanea — Anecdotes.

GRAVURAS: — A nympha do lago Albano — Brasões d'armas da villa d'Estremoz, e da cidade d'Evora — A cidade de Vercelli — O castello de Estremoz.

Historia da actualidade.

Parece já conhecida a face que toma a guerra de Italia. Os austriacos concentraram-se em Pavia, Placencia e Mortara. N'estas posições tem cento e cincoenta mil homens. Ficam por ora reduzidos á defensiva.

— A esquerda dos alliados é commandada pelo rei de Sardenha; o centro está ás ordens do imperador dos francezes. A direita, dividida em dois corpos, é commandada pelo principe Napoleão, e d'Hilliers.

— Fallou-se n'um tratado offensivo e defensivo entre a Turquia e a Austria, porém as ultimas folhas desmentem tal boato.

— Os recentes actos do governo inglez demonstram que esta potencia, por ora, se conserva neutral na pendencia entre a Italia e a Austria.

— Tambem o governo prussiano se declarou neutral, em quanto a guerra não ameaçar a independencia da Alemanha!

— A Lombardia foi declarada pelos austriacos em estado de sitio.

— O imperador de Austria deve a estas horas achar-se em Verona.

— Houve crise ministerial em Vienna, sendo substituido o gabinete por cavalheiros que symbolisam a idéa da guerra.

— Nas aguas de Veneza acha-se actualmente uma grande esquadra franceza.

— As nossas camaras foram prorogadas até ao dia 28 do corrente.

— Foi approvedo pela camara dos pares o projecto para a repressão do crime de moeda falsa.

— Propoz-se na dita camara um projecto para a formação de corpos auxiliares de segunda e terceira linha.

— Encerrado o parlamento, o senhor conde de Thomar parte para o Rio de Janeiro, na qualidade de ministro e enviado plenipotenciario junto áquella corte.

— Já veiu noticia de ter chegado a Inglaterra, com prospera viagem, a nossa infanta a senhora D. Maria Anna, e seu esposo o principe Jorge.

A nympha do lago Albano.

O lago Albano, a que hoje se chama *Castel-Gondolfo*, por causa da terra d'este nome que lhe fica ao oriente, é cratera de um volcão extincto, e que alguns autores julgam ter communicação occulta com

o lago Nemi, cratera cujo nivel é mais baixo do que aquelle cento e trinta e cinco palmos romanos. A circumferencia, que é de forma oval ou elliptica, é de oito milhas, e a sua maior profundidade de quatrocentos e oitenta pés, segundo diz Kircher, mas no lado meridional ainda se lhe não pôde medir o fundo por causa da impetuosidade da corrente, e tão rapida ahi vae que se julga ser a sua principal nascente.

Mais de metade do lago está sombreada por uma copada floresta, que em tempos antigos a circundava toda, ficando assim as aguas cercadas pelas arvores do bosque Albano: comprehendia, segundo o antigo uso religioso no tempo em que Alba existia, muitos altares e pequenos santuarios, que mais tarde se substituiram por templos e nymphas. A prova d'isto encontra-se nos antigos escriptos, e ainda hoje não longe da margem, e na direcção do Monte-Cucco se vê erguida uma d'estas estatuas.

O que contribuiu a fazel-o celebre foi o aqueducto, ou canal de desagudouro, obra de superior mechanicimento. Atravessa cêrca de milha e meia por uma

montanha de seiscentos palmos de elevação á sua foz; e foi aberto para dar saída ás aguas quando mui cheias, como, além de outros historiadores antigos, o refere Valerio Maximo: «Os romanos e os veios estavam em guerra bastante barbara que já durava havia muito tempo (noe annos). Os primeiros tinham sitiado os segundos dentro das muralhas de Veios, da qual se não podiam assenhorear; e tal guerra tanto fatigava os dois inimigos, que a todo o transe desejavam vê-la terminada. Os deuses, por um maravilhoso prodigio, abriram aos romanos o caminho para tão ambicionada victoria. O lago Albano, sem ter engrossado suas aguas por meio do chuva ou corrente de outros rios, elevou-se subitamente, e trashordou. Os romanos foram consultar o oraculo de Apollo, em Delphos, e os deputados,



A nympha do monte Albano.

quando voltaram, trouxeram a resposta de que se que-riam assenhorear-se dos vinhos deixassem escoar o lago pelos campos. E antes que esta resposta chegasse ao senado, o aruspice dos vinhos, aprisionado por um soldado romano, havia dito a mesma coisa que os embaixadores. Então o senado, duplamente advertido pelo oráculo e pelo aruspice, fez a toda a pressa abrir uma saída ao lago, e a cidade dos vinhos foi assim tomada.»

Conta Nilby que a abertura principal d'este lago fôra fechada no tempo de Sylla por uma construcção de alvenaria e cantaria, cujos restos ainda hoje ali existem: outros desagudouros naturais se lhe contam hoje, e que são de tempo immemorial—a vertente Ferentina; e a que formava o lago de Tarno, simples lagoa depois, e seccada no seculo xvii, reinando o papa Paulo v, por via de um canal que vae lançar-se na ribeira *Decimus*, junto a Trigoria; e a vertente por baixo do Monte-Cucco, que passando por *Frattochia* mistura suas aguas com a do canal da via *Ardeatina*; e a do *fosso dos monges*, que atravessando a actual estrada postal a nove milhas de Roma, e recebendo o escoamento das aguas dos vales de *Fiorano* e *Cecchignola*, se derrama no canal junto a *Tor di Valle*.

Para acabar com esta descripção, diremos que no tempo de Flavio Domiciano, este lago era um sitio de divertimentos: ali houve regatas e naumachias. O mesmo monarcha fez calçar com grandes pedaços de lava basaltica a estrada que conduz a Castello, e fez-lhe varios embelezamentos, entre outros uma gruta magnifica aberta na rocha a pequena distancia do canal, na qual gruta ainda hoje se vêem nas paredes os nichos que serviam para estatuas de nymphas, e chama-se-lhe ordinariamente a gruta *Bergantino*, acreditando-se que fôra um banho de Diana.

Contos populares da Irlanda.

I

A GARRAFA ENCANTADA.

Conclusão.

Quando Molly viu entrar seu marido com a garrafa encantada, ficou tão fora de si, tão louca de prazer, que não atinava no que dizia, e fazia. Passada, porém, aquella primeira impressão, Molly, readquirindo toda a sua energia e actividade, pega da vassoira, varre a casa n'um momento, e põe a mesa. Os tres pequenitos pulavam de contentes, em roda da mãe, porque a fome apertava-os devêras; e até o cão, que de certo não tinha menos necessidade de comer, vendo as creanças brincar, saltava e ladrava com todos os signaes de satisfação.

Mick, com a alegria que bem se pode imaginar, foi pôr a garrafa no chão, e pronunciou com toda a solemnidade as sabidas palavras: *Garrafa faz o teu dever*.

Mas como não ficaria desconcertada e afflicta esta pobre gente, quando viram sair da garrafa dois genios do mal, disformes e horrendos, que em lugar de trazer baixellas de ouro e prata, empunhavam grossos bastões cheios de nós, com os quaes principiam a bater desapidadamente no triste Mick, em sua mulher, e nos seus tres filhos!

Depois de os deixarem bem coçados, recolheram-se a garrafa os dois malvados genios.

Molly estava prostrada, e quasi sem folego. As creanças choravam e berravam a mais não poder. E Mick esfregava os doridos braços e pernas; estorcava-se, e suspirava. Porém erguendo-se repentinamente como que excitado por uma idéa luminosa, pega da garrafa, mette-a debaixo da vestia, e sae pela porta fora, sem dizer palavra, deixando sua mulher e filhos involtos em lagrimas e gemidos.

Corre direito a casa do visinho, que lhe tinha comprado a sua primeira garrafa; entra, e acha-o sentado a mesa, acompanhado de numerosa sociedade, comendo, bebendo, e folgando.

—Por aqui, Mick, lhe disse o afortunado visinho com certo modo desdenhoso, que novidade temos?

—Trago-lhe outra garrafa para ver se fazemos negocio.

—Se ella fôr tão boa, como a primeira, não tenho duvida.

—E' melhor, muito melhor; e se me dá licença quero dar-lhe uma prova d'iste mesmo diante dos seus hospedes.

—Pois vamos a isso, meu tafulão.

Mick poz a garrafa no chão, proferiu as palavras do estylo, e no mesmo instante saem os dois genios malevolos armados do terrivel bastão. Primeiramente accommettem o dono da casa, depois a mulher, e d'ahi os amigos; e a todos espancam e maltratam com tal violencia, que de todos os lados soavam gemidos e gritos de dôr. O dono da casa, estendido no chão, cheio de dôres e psaduras, bradando como desesperado, exclamava com o acento da raiva:

—Desgraçado de ti, Mick, que me hasde pagar esta burla. Livra-nos d'estes demonios, ou quando não juro-te que te farei enforcar.

—Tal não farei, respondeu Mick, em quanto me não restituíres a minha antiga garrafa, que eu estou vendo sobre essa mesa.

—Dêem-lh'a, em nome do ceo, gritou o dono da casa para os que estavam mais proximos da mesa, dêem-lh'a depressa, senão não sei o que será de nós.

Mick, vendo-se outra vez senhor do seu thesouro, fez recolher os genios maus á sua prisão de vidro, e voltou para sua casa.

D'esta vez soube guardar melhor o precioso talisman, que por um acto de loucura abandonara. Tratando logo de pôr a garrafa em actividade, em breve se fez rico, tão rico, que um nobre conde, de esclarecida linhagem, lhe veiu pedir a mão de sua filha.

Por occasião da morte de Mick, durante o banquete, que, segundo as antigas usanças da Irlanda, ainda conservadas principalmente no interior das provincias, succede aos funeraes, suscitou-se uma desordem entre os criados da casa, e vindo dois d'elles ás mãos, quebraram sem querer as duas garrafas encantadas.

Desde este dia cessaram de augmentar-se as riquezas da familia de Mick. Porém a collina, junto da qual se encontrara Mick com o anão, conservou o nome, que elle lhe tinha dado: e ainda actualmente se chama a *collina da garrafa* (*Bottle-Hill*).

I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa de Estremoz.

Na parte mais amena da provincia do Alentejo acha-se a villa d'Estremoz, edificada na raiz e encosta de um monte, a que faz corôa um antigo castello. Está distante de Villa Viçosa duas leguas e meia para o occidente, e seis de Evora para o nordeste.

El-rei D. Afonso III, querendo aproveitar esta forte posição para defesa da fronteira do Alentejo, da qual não dista muito, fundou no mais alto do monte um castello, correndo o anno de 1258. Segundo os costumes do tempo não tardaram os habitantes indefesos d'aquellas cercanias a vir procurar o abrigo da fortaleza, contra as continuas correrias dos moiros.

Começaram pois a construir casas pelo dorso do monte, que pelo tempo adiante se foram estendendo até ás faldas, e d'ahi pela visinha planície. Tal foi a origem, ao que parece, da villa de Estremoz.

Quanto á etymologia do seu nome, ha duas opiniões: uma que a deriva da circunstantia de se achar a povoação pouco distante do *extremo* da provincia; outra que quer que provenha dos muitos tremoceiros, que vestiam o monte, quando n'elle principiam as edificações.

Em favor d'esta ultima opinião vem o brasão de armas da villa, que tem no meio do escudo uma planta de tremoços.

O mesmo rei D. Afonso III, achando-se a povoação já augmentada, deu-lhe privilegios eguaes aos de Santarem. El-rei D. Manuel concedeu-lhe o foral de villa no anno de 1512.

Estremoz distinguu-se nas guerras da independencia com a Hespanha. As obras de fortificação, que a constituíram em praça de guerra, começaram logo depois da restauração de 1640. Ao principio estas obras foram frageis; mas passados poucos annos fizeram-se com solidez, e segundo os preceitos da arte, ficando a villa cingida com dez baluartes, tres meios baluartes, e um redente, fora os revellins e mais obras exteriores. Reparou-se o

antigo castello, que passou a ser a cidadela da praça, e sobre um monte visinho, padrao do que serve de assento á villa, construiu-se um forte com quatro baluartes, e sobre outro um pouco mais distante edificou-se um reducto, chamado de Santa Barbara.

Nas proximidades de Estremoz está o sitio de *Montes Claros*, celebre pela assignalada victoria, que os portuguezes, commandados pelo marquez de Marialva e pelo marechal de Schomberg, ahi ganharam aos hespanhoes no anno de 1665.

O castello de Estremoz é notavel em a nossa historia por ter servido de residencia a el-rei D. Diniz, á rainha Santa Isabel, sua mulher, que n'elle falleceu, e a el-rei D. Pedro I, que tambem ahi acabou os seus dias. Da sala, onde expirou a rainha santa, fez-me mais tarde uma ermida, que ainda existe com a invocação de Santa Isabel. Até ao começo d'este seculo conservava-se n'este castello um museu de armas antigas muito rico e curioso, e que era o unico, que havia no reino depois que o terremoto de 1755 destruiu os paços da Ribeira em Lisboa, onde se via um grande armazem cheio de armas de diferentes eras. Infelizmente por occasião da invasão franceza foi o museu d'Estremoz despojado de todas as suas armas.

Consta a villa de tres parochias: Santa Maria do Castello, que é a matriz, Santo André, e S. Thiago. Tem casa de misericórdia e hospital, e um mosteiro de freiras da ordem de Malta, da invocação de S. João Baptista, o unico d'esta ordem, que ha no reino, fundado em 1563 pelo infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel. Havia outr'ora quatro conventos de frades dentro da villa, e um nos arrabaldes, cujos edificios ainda existem. Eram aquellos: o de S. Francisco, edificado por D. Afonso III; o de S. João de Deus; o dos frades agostinhos; e o dos congregados de S. Philippe Nery. O que fica extra-muros era de capuchos da provincia da Piedade; e foi construido em 1662. Alem dos edificios religiosos mencionados, ha na villa varias ermidas.

A mais bella parte de Estremoz é a que está edificada na planície. Tem ahi um vasto lago, ou praça, cercado de boa casaria, e dos edificios dos extintos conventos, com um chafariz de oito bicas, e um grande tanque quadrado, e dois mais pequenos.

Tem o seu quartel em Estremoz o regimento de lanceiros n.º 1. A população fixa da villa anda por seis mil e seiscentas almas. Em 25 de Julho e a 30 de Novembro fazem-se ahi duas feiras annuaes de bastante commercio.

Os suburbios de Estremoz são muito apraziveis e de grande fertilidade. Ha n'elles abundancia de agua, que rega muitas hortas e pomares. O termo produz azeite, cereaes, e outros fructos, e encerra preciosos marmores. O branco é o que serve para todas as construcções da villa. Tambem contém excellente barro de que ali se fabrica muita variedade de obras, que são apreciadas no reino e fora d'elle.

No antigo regimen gosava esta villa de voto em côrtes com assento no banco terceiro. O seu brasão d'armas é como se vê na estampa, sendo verde o tremoceiro, o campo vermelho, o sol de ouro, e a lua de prata.

Eram alcaides-môres de Estremoz os duques de Cadaval.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Milton.

ESTUDO CRITICO POR MACAULAY.

I

Continuação.

Talvez não se possa ser poeta, ou mesmo experimentar grande prazer na leitura de poesia, sem um certo desarranjo mental, se porventura se pode dar este nome ao que agradavelmente nos impressiona. Não denominamos poesia tudo quanto se escreve em verso, ainda mesmo que seja bem escripto em verso. A nossa definição exclue muitas d'essas composições metricadas com arte que aliás são dignas do maior louvor. Chamamos poesia ao talento de empregar palavras de modo que produzam uma illusão moral, por meio de phrases, analogia á que o

pintor consegue por meio das côres. E' assim que a descreve o maior dos poetas em versos universalmente admirados pelo vigor e correção de estylo, mas ainda de maior merecimento pela exacta idéa que nos dão da arte em que elle era eminente:

«As imagination bodies forth
The forms of things unknown, the poets pen
Turns them to shapes, and gives to azy nothing
A local habitation, and a name.»

«Assim como a imaginação concebe coisas ignoradas, a penna do poeta dá-lhes uma forma, e concede ao nada acção, e nome.»

São estes os fructos d'aquelle «bello delirio» que elle attribue aos poetas — bello delirio sem duvida, mas que não deixa de ser delirio. A verdade é essencial á poesia, mas é a verdade da allucinação. Os seus raciocinios são verdadeiros, mas as suas premissas são falsas. Feitas as primeiras hypothèses, tudo deve ser consequente; mas essas primeiras hypothèses exigem um grau de exaltada creença, que equivale pelo menos a um estado de parcial e passageiro desvario. E' nas creanças que mais viva se produz a imaginação; e vêmol-as entrearem-se com ardor inconsiderado a todas as illusões. Qualquer imagem que se lhes retrate na phantasia produz-lhe a impressão da propria realidade. Nenhum homem, por maior que seja a sua sensibilidade, se commoverá tanto por Hamlet ou o rei Lear, como uma creança ao ouvir contar a historia da infeliz *Red-Riding Hood*. Sabe que é uma ficção, que os lobos não fallam, sabe mesmo que não ha lobos em Inglaterra, mas em despeito de tudo, chora, treme, e não ousa aventurar-se n'um quarto escuro receiando sempre sentir os dentes do monstro cravando-se-lhe na garganta. Tal é a imperiosa influencia da imaginação sobre as intelligencias incultas.

No estado rude da sociedade os homens são creanças com mais variedade de idéas. E' portanto ahi que devemos encontrar a disposição poetica, na sua maior perfeição. N'uma epoca illustrada haverá muita intelligencia, muita sciencia, muita philosophia, abundancia de exacta classificação, e subtil analyse, copiosa eloquencia e espirito, versos, e mesmo muito bons; mas pouca poesia. Os homens hão de poder comprehendre e comparar, mas não podem crear. Occupar-se-hão dos velhos poetas, hão de fazer commentarios sobre elles, e até um certo ponto gosarão das bellezas que elles contem. Mas custar-lhe-ha a conceber a impressão que a poesia produzia nos nossos rudes antecessores, a agonia, o extasis, a completa e maravilhosa creença que os dominava. O rhapsodista grego, segundo nos conta Platão, não podia recitar Homero sem cair em convulsões. O Mohawk recitando a sua canção de morte mal sente o escapello, que lhe despedaça as carnes. O poder que exerciam os antigos bardos do paiz de Galles e da Alemanha sobre os seus ouvintes parece hoje quasi milagroso. Estes sentimentos são raros n'uma associação civilisada, ainda mais raros entre aquelles que mais aproveitam com os seus melhoramentos; conservam-se por mais tempo entre o povo dos campos.

A poesia produz uma illusão sobre a vista do entendimento como a que a lanterna magica exerce sobre os nossos olhos. Assim como a lanterna magica faz mais effeito ás escuras, a poesia attinge melhor o seu fim em epocas pouco illustradas. A proporção que a luz da sciencia se derrama, que os lineamentos da realidade se tornam mais e mais distinctos, e as sombras em que se envolve a probabilidade vão successivamente desaparecendo, as côres e contornos das imagens ideaes que o poeta invoca cada vez mais se desvanecem e perdem o seu prestigio. Não podemos ligar as incompativeis vantagens da realidade e da phantasia, a lucida percepção da verdade, e os gozos superiores que nos promove a ficção.

O homem que n'uma sociedade illustrada e litteraria aspira a ser um grande poeta deve primeiro reduzir-se a ser creança. Deve destruir, pouco e pouco os principios que dominavam o seu entendimento.

Deve procurar esquecer muito d'aquelle sciencia que até ali era uma das condições da sua superioridade. Os seus proprios talentos tornaram-se-lhe um obstaculo. As difficuldades que tem a vencer estão na razão directa dos seus conhecimentos nos assumptos

a que mais se applicam os seus contemporaneos, e esses conhecimentos, como é claro, devem ser, tanto mais profundos, quanto maior fôr a actividade e vigor da sua intelligencia.

E mesmo depois de muitos esforços e sacrificios muito terá conseguido se as suas obras não se assemilham a um homem tardo na falla, ou a ruínas de moderna data. Temos visto no nosso tempo grandes talentos, com immenso trabalho e longa meditação, empenhados n'esta lucta contra o espirito do seculo, não diremos que de balde, mas com duvidoso successo, e com limitado applauso.

Se estes argumentos são exactos, nenhum poeta venceu tantas difficuldades como Milton. Teve uma educação illustrada, era um elegante e profundo humanista; tinha penetrado em todos os mysterios da litteratura rabinica, conheceu a fundo todas as linguas da Europa moderna, d'onde se podia derivar ou delcete, ou informação. E talvez o unico poeta de tempos modernos distincto pelo primor de seus versos latinos. O genio de Petrarca ainda que difficilmente se pode chamar de primeiro ordem; e os seus poemas na antiga lingua, ainda que muito gabados por aquelles que os não leram, são composições de fraco merito. Cowley com todo o seu espirito, e admiravel ingenuidade, possuia menos imaginação, e nem mesmo em correção de estylo é comparavel a Milton. Temos contra nós a opinião de Johnson, mas Johnson tinha estudado tanto os maus escriptores da idade media, que era insensivel á elegancia dos tempos de Augusto, e estava tão pouco habilitado para ajuizar de estylos latinos, como um bebado de profissão para escolher vinhos.

A versificação d'uma lingua morta é uma planta exotica, uma esforçada difficil e morbida imitação d'aquillo que se acha aliás em sadia e espontanea perfeição. Os solos nos quaes florece esta raridade são tão pouco adaptados á produção vigorosa da poesia indigena, como os vasos de uma estufa para crear carvalhos. Que o autor do «Paraizo Perdido» podesse escrever a *Epistola a Manso* e deveras admiravel. Nunca houve composição que reunisse tão notavel originalidade a tão chistosa facecia.

Como finalmente, em todos os poemas latinos de Milton, o estylo artificial indispensavel a taes obras é cuidadosamente conservado ao mesmo tempo que o seu poderoso genio lhes dá um encanto particular, um ar de nobreza e idealidade que os distingue de todos os escriptos do mesmo genero. Lembra-nos o folgar d'aquelles guerreiros angelicos, que acompanham a cohorte do anjo Gabriel:

About him exercis edheroic games
The unarmed youth of heaven. But o'er their heads
Celestial armoury, shield, helm and spear,
Hung high, with diamond flaming and with gold.

«De roda d'elle exercitavam-se em fogos heroicos os seus desarmados mancebos do ceo. E sobre as suas cabeças brilhavam como ouro, e diamantes os elmos, escudos e lanças.»

Não podemos contemplar estes frivolos exercicios em que o genio de Milton por vezes se amensava sem nos vir ao pensamento a brilhante e terrivel armadura que o vestia. A energia da sua imaginação triumphou de todos os obstaculos. Tão ardente e intenso era o fogo da sua mente que não só não foi suffocada pelo demasiado alimento, como penetrou toda a massa de conhecimentos que a opprimia pelo clarão e esplendor do seu genio.

Continua. LOPES DE MENDONÇA.

A cidade d'Evora.

Evora, a capital da rica provincia do Alemtejo, é uma das mais antigas cidades do reino, e como tal a sua origem é desconhecida, ou pelo menos muito duvidosa.

Alguns autores attribuem a sua fundação aos celtas iberos, outros aos tartesios andaluzes. Carvalho, na sua *Corographia portugueza*, diz que foi fundada pelos eburones, ou eburonices, antigos povoadores da peninsula hespanica, 2059 annos antes do nascimento de Christo, pondo-lhe o nome de Eborá.

O que se pode ter por verdade é que já existia

anteriormente ao dominio dos romanos. Durante a porfiosa lucta, que os lusitanos sustentaram em defesa da sua independencia, foi Evora a principal residencia dos dois grandes capitães, Viriato e Sertorio, que em epocas diversas conseguiram por seu heroico esforço impedir o passo, e levar de vencida os poderosos conquistadores, que assoberbavam o mundo.

Ao segundo d'estes heroes deveu a cidade d'Evora muita prosperidade e importancia, e bellos monumentos, alguns dos quaes, atravessando tantos seculos, nos fallam ainda hoje do illustrado governo de Sertorio, da sua grandeza e gloriosas empresas.

No seu tempo ainda a cidade se denominava *Eborá*; porém depois, tendo-se curvado toda a Lusitania ao jugo de Roma, tomou Eborá o nome de *Liberalitas Julia* em commemoração da visita que lhe fez Julio Cesar, e dos favores que lhe concedeu, elevando-a á categoria de municipio romano, e dando aos seus habitantes os mesmos privilegios, que destructava a cidade de Roma.

Os barbaros, que destruíram o imperio dos Cesares, invadiram e sujeitaram tambem a Lusitania, onde se civilisaram, e conservaram, principalmente os visigodos, pelo espaço de duzentos annos. Do dominio d'estes passou Evora para o dos moiros, que se assenhorearam da peninsula no começo do seculo oitavo.

No fim de quatrocentos e cincoenta e um annos, que tanto durou este novo captiveiro, foi resgatada a cidade d'Evora em 1166 pelo esforço temerario de Giraldo Giraldes, que adquiriu por este glorioso feito o cognome de *Sem pavor*.

Giraldo era um cavalleiro da córte d'el-rei D. Affonso Henriques, que por certo crime, que commettera, andava fugido e perseguido pela justiça. Para se rehabilitar, e obter o seu perdão, resolveu com outros mais companheiros nas mesmas circumstancias tomar aos moiros por surpresa a cidade d'Evora, o que alcançou em uma noite, começando por preparar á torre da atalhia, onde surprehendeu e matou o moiro vigia e sua filha. Em memoria d'esta acção, que D. Affonso Henriques recompensou generosamente, tomou a cidade por brasão d'armas um escudo coroadado, e n'elle em campo azul a figura de Giraldo, montado em um cavallo, empunhando a espada na mão direita, e com a esquerda segurando pelos cabellos as cabeças dos dois vigias.

Quasi todos os nossos reis até D. Sebastião tiveram por vezes a sua córte em Evora, pelo que esta cidade foi theatro de muitos successos importantes. Em diversos reinados ahi se reuniram em côrtes os tres estados do reino. Entre as festas, que ahi se fizeram, por occasião de consorcios reaes, foram mui celebradas pelo seu apparato e magnificencia as do casamento do principe D. Affonso, filho unico de el-rei D. João II, com a infanta D. Isabel, filha de Fernando e Isabel, reis de Castella.

Em 20 de Junho de 1483 foi justicado na praça principal da cidade o infeliz duque de Bragança, D. Fernando II, accusado de conspiração contra el-rei D. João II, que era seu cunhado.

Nas guerras da restauração de 1640 foi sitiada e tomada pelo exercito hespanhol commandado por D. João d'Austria, correndo o anno de 1663. Pouco depois foi recuperada por D. Sancho Manuel de Vilhena, conde de Villa Flor.

Continua. I. DE VILHENA BARBOSA.

A menina dos cabellos brancos.

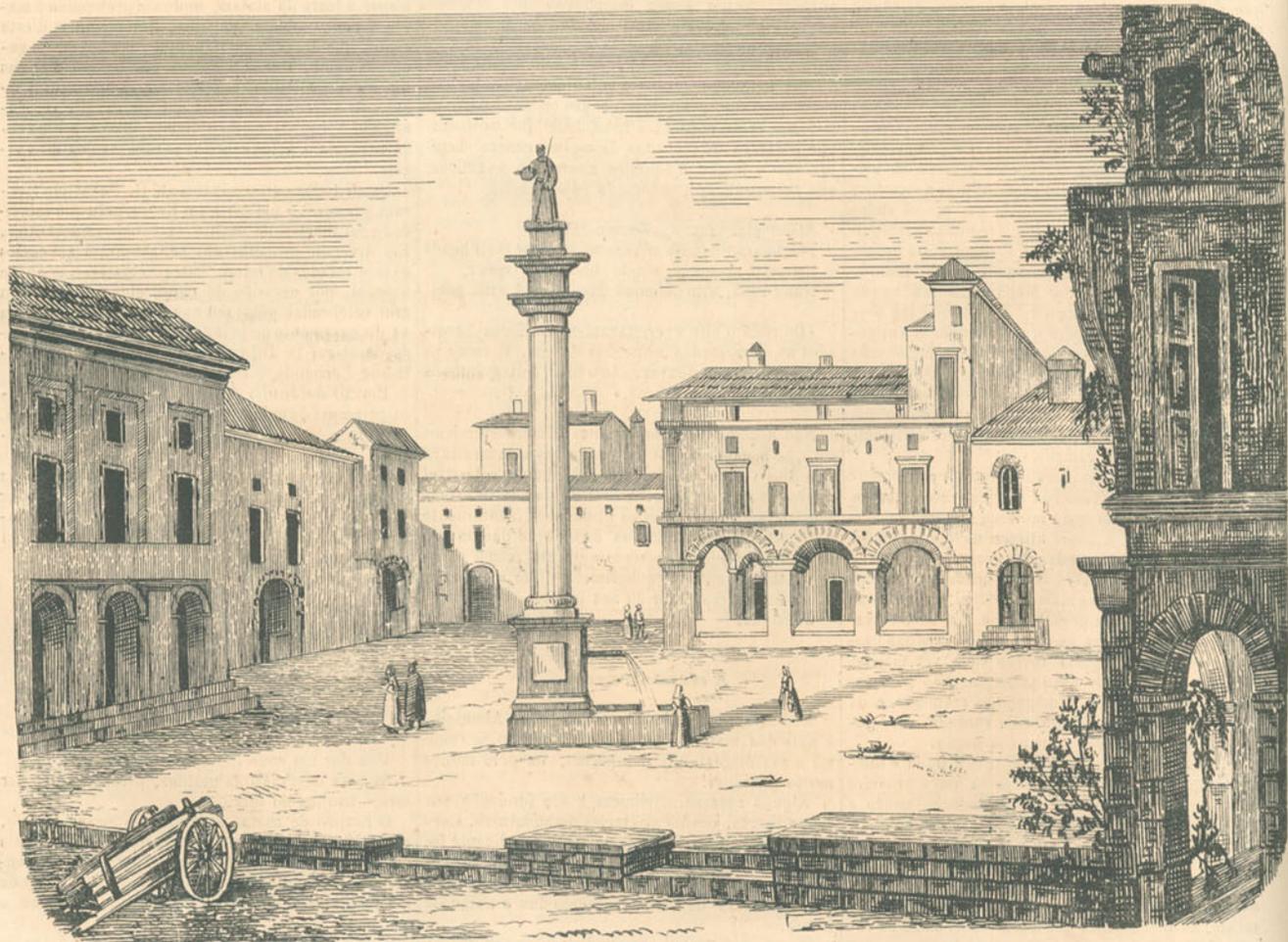
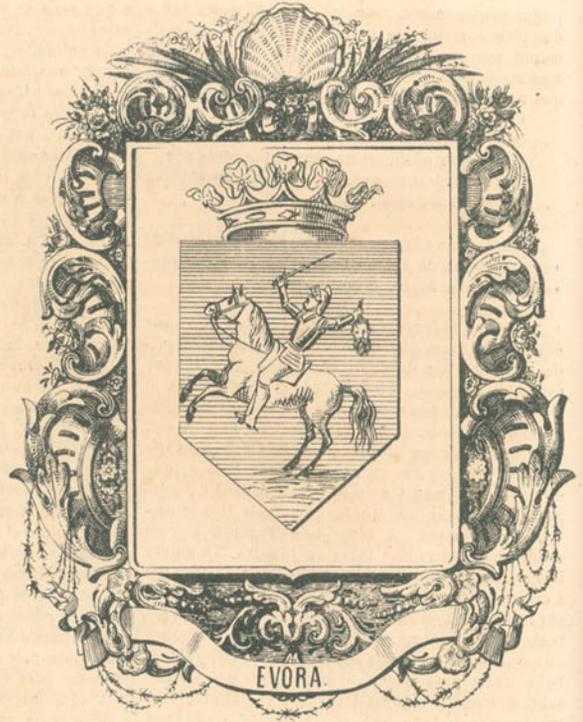
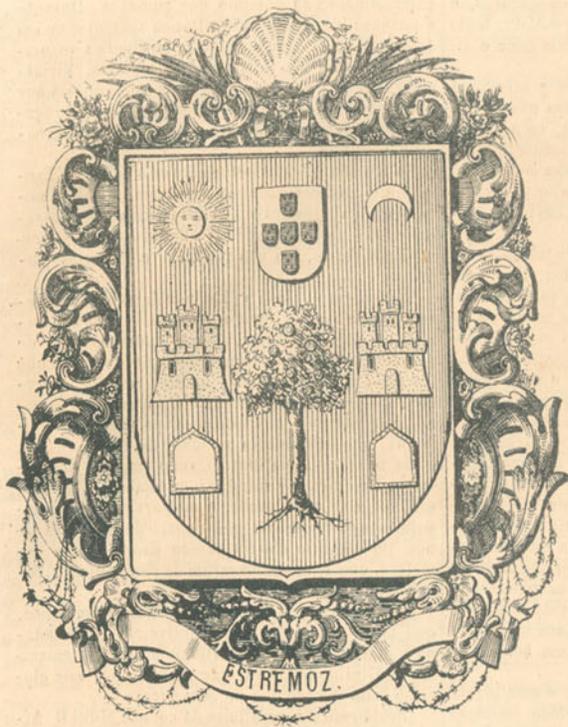
Continuação.

IV

Vou dar um conselho gratis ao leitor. Se ama deveras uma mulher, prescinda de a ver tomar banhos do mar.

O roupão de baeta, as calças do mesmo estoffo, o carapuço impermeavel, os sapatos enrugados pela agua salgada, toda a *toilette*, emfim, com que entram no mar as tagides do outono, é mais capaz de fazer esfriar o amor do que quanta agua tem o oceano!

(*) Do num. 18.



Praça da cidade de Vercelli, no Piemonte.



Castello d'Estremoz .

Espere que lhe appareça á janella na volta do banho, com os cabellos soltos sobre o penteador... Isso é poetico; mas vê-la na praia, mergulhando de mãos dadas com o banheiro... oh! é horrivel!

Horrible! Horrible! Most horrible!

A moda dos banhos não é má, por que sempre serve de lavagem; e a nossa gente, em geral, não é lá muito acceida; depois é igualmente higienica pelo passeio de casa até á praia, pois que a não ser para o banho, as mulheres de Lisboa apenas saem ao domingo para ouvir missa.

Os homens tambem concorrem ás praias para verem as mulheres; aos banhos do mar seguem-se muitas vezes banhos de igreja; e por tanto nada diremos contra elles.

Isto porém não prejudica o conselho que acima dei, e accrescento que, para os amantes, o melhor é tomarem banhos na barca. O homem mergulha de um lado, a mulher do outro, e a quilha da embarcação separa-os completamente. Quando se tornam a encontrar, depois da emersão, já vem vestidos como gente.

Julgo porém que, n'este ponto, poucas das leitoras terão deixado de exclamar:

— Que massada!... O que terão os banhos com a menina dos cabellos brancos?... Forte secca!

E se é velha fez uma *boquinha*, tregeito vulgar entre as nossas respeitaveis avós. Se é moça faz uma *carinha*, feissima innovação das nossas contemporaneas. As nossas netas talvez façam *caretas*... quem sabe.

Porém voltando á materia da ordem do dia (estilo parlamentar) expliquemos porque occorreu ao autor esta infeliz leubrança de fallar em banhos, tanto a contra gosto das ex.^{mas} leitoras.

E porque vamos todos, leitores, leitoras, autor, e os principaes personagens do drama, encontrarmos na praia de Caxias, ás seis horas da manhã de terça-feira, 21 de Setembro de 1858.

D. Helena toma banho, mas de cabellos soltos, sem carapuça impermeavel, e vestida de homem; eu e Antonio Pinto conversamos, sentados em um penedo a pouca distancia das barracas; vem chegando as *banhistas*, e entre ellas D. Herminia; e não faltam *mirões* do sexo masculino, votados a perder as illusões nas margens do Tejo.

Porém esta placida scena de higienicos mergulhos, tinha de ser interrompida por uma tremenda peripezia.

Quando todos olhavam para um barco a vapor que descia garbosamente o rio, desfraldando o pendão vermelho da Grã-Bretanha, abicou desapercibido á praia um bote que vinha de Lisboa, e saltando lesto em terra um dos seus remadores, dirigiu-se para mim com uma carta na mão.

— Sabe-me dizer se estará aqui a pessoa a quem é dirigida esta carta? disse o barqueiro descarapuçando-se.

— Deixa ver: *Excellentissima senhora D. Herminia de...* E' aquella menina alta que além está, com chapelinho de palha escura, e assestando a luneta para o vapor.

— Muito obrigado, senhor.

E o barqueiro dirigiu-se para Herminia:

— Pinto, disse eu, aquella letra era de Emilio, e coincide fatalmente com a sua fugida de hontem. Apenas eu acabava de dizer estas palavras, um grito unisono, de angustia e de espanto, saiu de todas as boccas... Era Herminia que corria pela ponte dos banhos, e se lançava ao mar, vestida como estava, em traje de passeio!

Rapido como a centelha electrica, Flor da brutalidade corre sobre a mesma ponte, e lança-se tambem ao mar!... Depois é que os banheiros tornaram a si do turpor em que os deixara o estranho successo, e se deitaram a nadar em seguimento de Pinto.

Eu larguei no bote ao mesmo rumo... Não sei nadar.

Poucos momentos depois estava Herminia, ou o seu cadaver (por então era difficil decidir) collocado dentro do barco, e logo em terra, e o corpo inanimado da menina era conduzido a sua casa nos braços da gente do mar, e acompanhado por Helena e pela tia de Herminia que choravam convulsamente.

A praia despovoou-se de banheiros e banhistas; fiquei eu só e Antonio Pinto.

— Adivinhei!... Maldita carta!

— Está ali, accrescentou Pinto, apontando com o dedo para um papel que boiava na resaca da praia.

Corri para o sitio indicado, e apanhei o fatal papel; não me havia enganado, faltava-lhe a assignatura, mas a letra era de Emilio; dizia assim:

«No momento de receberes esta carta, irei talvez já fora do Tejo no paquete do sul; era forçoso separar-me de ti, mas nunca te esquecerei; serás vigiada por um bom amigo, e nada te faltará, nem ao nosso...»

A carta caiu-me das mãos!

— Que infame! disse Pinto com indignação reconcentrada.

— E' o que os ricos sabem, quando sabem!... pagar a honra a dinheiro.

— Os pobres não são melhores... Vamos nós ver se, auxiliados pela boa Helena, podemos salvar aquella desgraçada mulher.

Apanhamos outra vez a carta, e encaminhamos para Gibraltar.

A carruagem da menina dos cabellos brancos estava á porta da casa de Herminia; parámos á espera que ella descesse, e entretanto fomos ouvindo os disparatados commentarios que faziam ao triste acontecimento as muitas pessoas que atulhavam a estrada n'aquelle sitio. Entre outros, escutámos um juiz temerario da maior malevolencia, saído dos labios de uma mulher:

— Quem sabe, dizia a megera, se não é por causa da tal dos cabellos brancos que esta pobre rapariga se deitou a afogar... Como a ella todos os homens lhe parecem poucos!...

São assim os juizes do mundo.

O medico que saiu de casa de Herminia, declarou-nos que a senhora estava viva, porém com muita febre e alguns symptoms de alienação mental; que logo que possede devia mudar de habitação e de sitio, para o que já D. Helena havia offerecido a sua casa de S. Jose de Riba-mar.

Pouco depois desceu a menina dos cabellos brancos, e nós, despresando os murmúrios do publico, entrámos com ella na *caleche*, e partimos na direcção de Lisboa.

No caminho contámos a D. Helena o que sabiamos, e ella jurou solemnemente empregar todos os meios para salvar Herminia, e ser sua protectora até á morte.

Antonio Pinto, sem revelar na physionomia a menor commoção, accrescentou estas ás palavras de Helena:

— Eu tomo conta da creança que nascer. Será meu filho e meu herdeiro.

— Nobres almas! conclui eu *in petto*.

A senhora apeou-se á porta da sua casa em S. Jose de Riba-mar, e nós seguimos para Lisboa em busca de um cirurgião habil e de segredo, para ser apresentado a Herminia por D. Helena.

Diligenciava-se salvar a mãe e o filho.

E eramos todos creaturas estranhas para Herminia; até alguns de nós calumniados por ella!..

Emilio, entretanto, lançava a vista para as ondas azuladas, que a prôa do vapor ia cobrindo de escuma, e saboreando um excellent charuto havano aguardava com curiosidade ver despontar no horizonte a risonha Caxios, tão afamada pela belleza das suas *morcenitas!*

Continua.

F. M. BORDALO.

A cidade de Vercelli.

Agora que no Piemonte vae romper uma lucta, que ameaça involver a Europa em conflagração geral; agora que todas as attentões estão fixadas n'aquelle ponto, onde se vão debater tantos e tão grandes interesses; cumpre á *Illustração Lusobrazileira* ir fazendo conhecer dos seus leitores o paiz, que servirá de primeiro theatro aos importantes successos, que de um momento para o outro se esperam.

A cidade de Vercelli é a principal povoação, que o exercito austriaco occupa no Piemonte, onde se está fortificando, como quem espera defender-se obstinadamente n'aquelle posição e visinhanças.

Está pois situada Vercelli junto ao rio Sesia, que desagua no Pó a pouca distancia d'ahi. Dista quatorze leguas de Turim para o nordeste, e qua-

tro para o noroeste de Casale, cidade que fica sobre o rio Pó, ao presente occupada pelos alliados.

O terreno em que está edificada Vercelli é um pouco elevado, porém em torno da cidade estendem-se para todos os lados dilatadas planicies.

Conta esta cidade dezoito mil quinhentos e trinta habitantes. Os seus principaes edificios e estabelecimentos são a igreja de Santo André, que encerra os corpos de Santo Euzebio e do Beato Amadeo; o archivo da cathedral, que possui alguns manuscritos de muita antiguidade e apreço; a bibliotheca publica, o hospital, o musen de historia natural, o elegante theatro, o quartel militar, o palacio do governador, a casa da camara, e o mercado de cereaes modernamente construido. O monumento porém mais respeitavel é a igreja de Santo André, magnifico edificio gothico fundado pelo cardeal Bicchieri no seculo xiii.

Quanto á historia de Vercelli, pode-se dizer que é das mais antigas cidades da Italia. Bastantes seculos antes do nascimento de Christo já era municipio romano. Segundo refere Plinio era no seu tempo uma cidade mui bem fortificada. Foi proximo dos seus muros, que Mario desbaratou os cimbrinos no anno de 602 da fundação de Roma.

Em 1228 erigiu-se em Vercelli uma universidade, que floreceu, e existiu até 1400. Fez parte outr'ora esta cidade do ducado de Milão, passando para a casa de Saboya no reinado de Amadeo viii. Chegou a adquirir bastante importancia na idade media, e recebeu por vezes a visita de varios papas e imperadores.

As guerras do começo do seculo xviii fizeram-na decair muito. Tomada em 1709 pelos exercitos francezes commandados pelo duque de Vendome, mandou este principe arrasar todas as suas fortificações.

A fertilidade dos campos, que a cercam; aquelle tão aperfeiçoado systema de irrigação, que dá em resultado colheitas sempre abundantes; o commercio de arroz, cereaes, linho, seda, e vinho, tudo productos do paiz, dos quaes Vercelli é um grande mercado; todas estas circumstancias a teem feito de novo prosperar.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A propriedade litteraria.

Tudo que respeitar aos interesses litterarios tanto do Brazil como de Portugal é digno d'esta folha, que tem por timbre a illustração d'estes dois paizes.

Quizeramos ter a eloquencia necessaria para tratar essa grande questão de gloria e de interesse, de modo que conseguissemos trazel-a ao terreno da evidencia: faltam-nos porém as forças, para contarmos com o bom resultado da empresa que nos propomos; mas se o impulso, que desejavamos dar-lhe, não é compativel com as nossas forças, convidamos todos os que teem a peito o interesse das letras patrias para formarem conosco a cruzada, que deve campear a favor da gloria nacional contra o abuso das traducções e contrafacções, de que provém o desanimo, em que não podem fecundar muitas intelligencias que apenas conseguem desabrochar, como as rosas de Maio, para morrerem no dia seguinte.

Não ha coisa mais nossa do que a propriedade das nossas obras litterarias. E' uma propriedade, por assim dizer, sagrada, que nenhum poder tem direito de contestar-nos; e pela qual nos perpetuamos, ainda além da nossa existencia, no espirito dos povos.

Um attentado contra esta propriedade é uma immoralidade que protesta contra a civilização das nações; é um padrão de vergonha.

Que importa ao paiz o genio que se annuncia nas suas primeiras harmonias prometendo á patria uma gloria? Protege-o porventura, se lhe não garantir a propriedade exclusiva dos seus fructos litterarios?

Com que direito hade um estrangeiro reproduzir um livro, e especular com elle á custa de quem o compoz, ou de quem se tornou seu proprietario por ajuste com o autor?

Não terá isto um nome vergonhoso que lança nodoa no proceder moral de nações cultas?

Camões e Bocage deram à patria vivedoura gloria, e a patria deixou-os morrer á fome. Desde então não houve mudança na sorte do escriptor. O desleixo continua; e a patria compra por uma vergonha cada nome que se lhe inscreve no livro das suas glorias litterarias!

O homem de letras cria-se ao acaso para morrer ao desamparo. Não ha para elle outra lei invariavel senão a da morte, que lhe põe fim aos sofrimentos. Os seus escriptos não tem preço visível, porque o editor não pode contar com a segurança da edição, como elle não pode contar com a segurança da sua propriedade. A compra é feita ao acaso, porque a venda é toda filha do acaso, pois que o contrafactor reproduz o livro, e vende por menor preço do que o editor que o pagou.

Este trafico é quasi tão immoral como o da escravatura: o homem que tem de negociar o fructo da sua intelligencia, do seu estudo, das suas vigílias, perde a liberdade, porque, vivendo o autor no espirito da obra, e sendo esta sujeita ao da especulação, torna-se escravo de quantos a seu bel-prazer a alteram reproduzem e com ella ganham.

Quem escreve um livro prepara os interesses alheios e dispõe-se a sacrificar os seus.

A escravatura era uma immoralidade impropria de nações civilisadas; e as nações, a despeito de interesses materiaes, fizeram um tractado contra esse trafico vergonhoso. Porque motivo não hade fazer-se tambem um tractado de propriedade litteraria, garantindo os autores contra os especuladores e regularizando, n'esse ponto, os interesses dos editores?

Se a gloria litteraria de uma nação não é chimera, o tractado de propriedade litteraria é uma urgencia! Reconheceu-se que a imprensa era um dos mais poderosos órgãos da civilisação, e as nações civilisadas estabeleceram a liberdade de imprensa.

Concordando — por que não é possível contrariar a evidencia dos factos — que não seja chimera a gloria litteraria, reconhecemos a urgencia do tractado da propriedade litteraria, para engrandecimento das nossas bellas-lettras.

Tenhamos orgulho do que é nacional, e estendamos a mão aos nossos escriptores, animando-os na sua ardua missão.

O Brazil é uma nação independente, que não tem necessidade de fallar a nossa lingua: a que lá se falla não é portugueza, é brazileira. As bellas de uma não são as da outra. Filhas dos mesmos principios, divergiram, porém, na forma, e na contrução; tornaram-se diferentes. Sejam pois as obras portuguezas — reproduzidas no Brazil — reputadas traducções, e vice-versa. Seja o livro propriedade exclusiva do seu autor.

Estamos certos de que para levar a cabo o tractado da propriedade litteraria entre o Brazil e Portugal, lá estão abalisados talentos que, deplorando a falta d'elle, hão de pugnar pela gloria das suas lettras e entender que no Brazil falla-se brazileiro, e não portuguez, como na America ingleza se falla americano, e não inglez: porque estabelecida a independencia dos dois idiomas, mais facilmente será encarada a questão primitiva da propriedade litteraria.

Ainda que mais não fosse, a litteratura brazileira teria, pelo estylo, o seu caracter especial que a tornaria bem distincta da nossa. Appellamos para o amor nacional dos brazileiros, e acreditamos que as nossas palavras hão de encontrar ecco.

E' facto que a litteratura portugueza prejudica a brazileira. E ambas podiam florescer. O escriptor portuguez, dotado de caracter mais energico, lucha constantemente contra a adversidade; o brazileiro — como a flor mimosa que nasce, exhala um perfume e expira, tendo apenas desabrochado — sente expirar-lhe o animo ao findar o seu primeiro e mal recompensado fructo de vigílias.

O tractado de propriedade litteraria podia ser a felicidade de ambos; e um não equivoco padrão de gloria das duas nações.

Se, tanto lá como cá, onde se abrem formosos ceos sobre tão inspiradores quadros de belleza, que convidam o espirito á analyse e á descripção, e parecem fecundar as idéas, e derramam torrentes de harmonia no coração, se não levantam Dumas e Sue, é porque os contrafactores invadem o nosso

hemispherio litterario e amesquinham a nossa lingua, e o nosso gosto.

A luz illumina. Seria um contrasenso privarmos-nos d'esses magnificos reflexos que se espalham pelo nosso horizonte litterario e despertam o amor das lettras; mas a luz tambem cega! O fogo vivifica; mas o fogo tambem aniquila.

Um brazileiro ou um portuguez não dirá os nomes dos seus autores nacionaes; mas conhecerá todas as obras que tem sido publicadas no seu paiz em nome dos autores estrangeiros. E' porque estas custaram apenas ao editor o valor de um exemplar, e o mesquinho salario do contrafactor: que não é de certo traductor consciencioso o que por tão pouco interesse se dispõe a trabalho tão arduo!

D'este modo o commercio litterario, entre nós, reduz-se á venda e compra de livros, e não á troca de obras; á encher de lettras o papel, e não á propagação de idéas, de pensamentos, nem de primores de linguagem ou de estylo.

N'este estado deploravel a que se acha reduzido o commercio litterario, ser escriptor publico não pode ser uma posição social; porque não é posição social a que não dá interesse nem consideração.

Os que não crearam nome quando este paiz estremeceu com a bella e nobre commoção do amor das suas lettras, collocando-se no alto da onda que os devia elevar, já agora tem de trabalhar em vão, porque essa nobre commoção parou; e o amor das bellas-lettras quasi recaiu na sua antiga apathia!

Quando assim mesmo vemos florescer entre nós alguns talentos, que arrostam soberanamente as difficuldades materiaes da carreira litteraria, e procuram crear nome, e reputação, apesar da desconsideração notavel que se liga á posição de escriptor publico; com que força — para gloria do paiz — esses despresados talentos produziram seus fructos, se fossem protegidos por medidas sabias contra a usurpação das suas flores?!

« O lavrador indolente confia na fecundade do solo, e só trata da colheita; mas virá tempo em que a planta degenera e o fructo se torne inutil. » Disse um escriptor que os tempos tornaram grande porque comprovaram a exactidão dos seus raciocinios.

O desleixo das coisas de litteratura patria, o desamor com que os governos tem encarado a questão do tractado de propriedade litteraria, já de sobra tem demonstrado o mal de que as bellas-lettras se resentem.

A facilidade do commercio material de livros, tem supprimido n'estes a condição especial de obras, porque d'estas faz a ignorancia apenas um livro, que corre pelo seu formato e pelo seu preço, a despeito do autor, e do decoro do paiz.

O tractado de propriedade litteraria entre o Brazil e Portugal, garante os interesses dos autores, o decoro litterario de ambos os paizes, e augmenta os interesses dos editores.

Se, em vista das grandes questões que ácêrca de um tractado de propriedade litteraria tem sido agitadas entre a França e a Belgica, deprehendermos que eguaes podem dar-se entre Portugal e o Brazil, o orgulho brazileiro fica de tal modo ferido que deixará de ser o mais bello caracteristico dos filhos d'aquelle solo ardente e inspirador.

A Belgica, menos rica de talentos do que a França, não pode com franqueza sustentar similhante tractado em que os seus interesses materiaes ficam lezados. Menos rica em talentos do que a França, e todavia mais opulenta de meios materiaes, e as suas edições saem muito mais nitidas do que as francezas; como bem o prova o espantoso commercio de livros que faz.

O Brazil poucos livros exporta; mas contrafazendo as nossas edições, fere com isso o seu amor proprio e desanima os seus escriptores.

Já é tempo de se fazer um tractado de propriedade litteraria: a questão está esclarecida. O Brazil, que representa já um papel importante na lista das nações civilisadas, não desperará este energico meio de civilisação, provando, de modo brilhante, o amor á sua nacionalidade, porque estende a mão aos seus escriptores, e não os deixa esmorecer na tarefa de enriquecerem os annaes da sua litteratura.

É tempo de que esta propriedade seja por todos os modos respeitada: de que o ser escriptor publico entre verdadeiramente na classe competente das posições sociaes. No circulo dos homens costumados á indagação dos factos sociaes, é que os governos podem achar os agentes necessarios á boa direcção dos negocios publicos.

Ha flores que medram na rocha, e se sustentam da propria seiva: ha outras que, dotadas de menos felicidade, pedem constantemente á terra o sustento, e morrem se a terra lh'o recusa. Ha intelligencias que se sustentam do proprio fogo, á maneira de um volcão, e deslumbra os povos; outras, porém, — e que não seriam menos para admirar — precisam de estímulo, de auxilio para se desinvolverem. As primeiras são raras: admiremolas; mas vamos estimulando e auxiliando o desinvolvimento das segundas, de que tambem podemos gloriar-nos um dia.

Colloque-se o commercio das lettras no seu verdadeiro grau de dignidade, e ter-se-ha creado a devida posição do escriptor.

Se as idéas, no reinado de el-rei D. José, tivessem participado do espirito das actuaes, cremos firmemente que teriamos que dever ao illustre marquez de Pombal o tractado de propriedade litteraria, com a Hespanha pelos menos.

O homem que tão bem mostrou saber curar dos vícios não teria esquecido este meio poderoso de engrandecimento de uma classe em que podia achar dignos agentes de civilisação. Mas o illustre marquez sonhava apenas a civilisação.

A vida do homem não chega para nada!
ALFREDO HOGAN.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA V.

OS MESMOS, CASTINALDO.

CASTINALDO (*apparecendo á porta sempre rigido e severo*) — Meu pae!

ALVA — Castinaldo!

D. BRITALDO — Castinaldo! Já me tinha esquecido d'elle! (*afasta-se de Alva, que cae assentada e oppressa*).

CASTINALDO (*descendo*) — Os de Riba-Dão não tardam ahí!

D. BRITALDO — Cala-te... Diante d'ella não.

CASTINALDO — E' chegada finalmente a hora.... Signano virá tambem... Veremos se ainda hoje o não encontro.

ALVA — Ah!... adivinho!

D. BRITALDO — Filha, filha, retira-te... O que ora se vae aqui passar, não deves tu presenciar-o.

ALVA — Adivinho, adivinho... D. Mendo esperava dar fim ao homisio.... queria unir-vos para a patria.... Mas já vejo agora... Castinaldo, trouxe-te a esperança de...

CASTINALDO — Castinaldo obedece a seu pae.... Nem todos assim fazem. O que até hoje não pude achar...

ALVA — Queres achal-o n'este solar?

CASTINALDO — E onde o achar hade morrer.

ALVA (*erguendo-se nobremente*) — D. Mendo chamou-vos em nome das Hespanhas: Castinaldo, lembrae-vos de que estaes em casa da mulher de D. Mendo.

CASTINALDO — E é a filha culpada, que assim falla a seu irmão?

ALVA — Já que tanto entendeis da honra das damas que pedis a sua morte por um erro. Castinaldo, dizei-me, que genero de castigo merece o homem que mente á palavra dada?

CASTINALDO — Fazei-a calar, senhor pae... Despresar-nos ha D. Mendo a ponto de julgar que podiamos estender a mão aos de Riba-Dão!... Fazei-a calar.

ALVA — Tenho direito de fallar, Castinaldo. Eu pelo esquecimento do que devia á minha familia,

estive... estou a ponto de morrer aqui desesperada; vós julgaes poder desprezar-me, atraçoando assim a patria, que é a primeira familia de um soldado godó e christião!

CASTINALDO — Que ordenaes, senhor?
D. BRITALDO — Cumpra-se a justiça.... Retiraes-vos, Alva.

ALVA — Não, senhor... ficarei... Quero ver se ousareis matar-o diante de mim! (*clarins fora*).

SCENA VI.

Os mesmos, D. MENDO, D. GIRAL, e clientes. Escudeiros, pagens e serviçães de D. MENDO, D. SISNANDO, clientes, PELAYO.

D. MENDO (*da porta aos seus pagens*) — Que se lhes faça igual honra. (*entra, áparte*) Vejamos!

CASTINALDO — Chega emfim. (*ferozmente*) Não tardo aqui senhor... Bem sabeis... Cumpre juntar os nossos burguezes e solarengos!

D. BRITALDO — Sei... É preciso... Torna em breve! (*Castinaldo sae pela esquerda alta*) Assim o quizeste, Alva!

ALVA — Obrigada, senhor. Se me daes mais este golpe, ao menos será o derradeiro!

(*Entram os de Riba-Dão, pela maior parte mancebos. Os dois bandos estão divididos. Os de Riba-Côa arrogantes com D. Britaldo á sua frente. Os de Riba-Dão insoffridos com as mãos apertando os punhos das espadas. Os serviçães da torre d'Aguiar com tochas guardam a scena. Aspecto guerreiro sobre um fundo esplendido. Os grupos inimigos trocam raivosos olhares. Ao pé de Alva D. Mendo. A' entrada da arcada D. Sisnando. Na arcada a multidão apinhada dos convidados e danças. Momento de ansioso silencio. A catadura de Sisnando é terrível. Divisa-se-lhe no rosto e nos gestos um socego constrangido e horrendo. Contempla tudo da porta, e adianta-se vagaroso e mudo até ao meio.*)

SISNANDO (*friamente*) — Deus vos guarde, senhores!... Guarde Deus a illustre Rica Dona de Aguiar e de Faria!

ALVA (*transida*) — Jesus, como elle diz aqui!

SISNANDO — Trago-vos, senhor D. Mendo, um presente, que de certo não esperaveis de mim... umas trovas para dizer-vos.

Todos — Trovas!

D. MENDO (*attonito*) — Trovas, senhor!

SISNANDO (*com gelido sorriso*) — Trovas, sim, que espanto? (*lançando em roda um rapido e furi-bundo olhar*) Acaso não é de festas o trovar? (*para D. Mendo*) Vós mesmo, senhor, affirmam que o fazeis á maravilha... Costuma cantar estas um escudeiro que tenho... o meu colaço Pelayo!... Ha aqui algum, se não me engano, que lh'as ouviu já... Essa pessoa que diga se são de sabor... Mas não as disse todas o escudeiro, creio... Não é assim, Pelayo?... Quero acabar-as, que o merecem.

D. BRITALDO — Para trovas não viemos... nem para em salas ficarmos... Se quereis em campo largo...

SISNANDO (*atalhando-o*) — Pois não viestes aqui para folgar? (*para um de Riba-Dão que lhe fica proximo*) D. Bravo Braves, meu alferes, que vos parece isto? Para folgar não vieram.... Pois vim eu, senhores, e não quero perder a occasião. (*como recordando-se*).

«O que a briga venceu hoje
«Pode amanhã ser vencido...

Não me disseste, que n'este ponto havias ficado, Pelayo? (*Pelayo affirma*) Eu continuo.

D. BRITALDO (*com a mão na espada*) — D. Mendo, D. Mendo, tolera-se isto!

D. GIRAL (*a D. Britaldo*) — E Castinaldo?

D. BRITALDO (*para elle*) — Hade vir. (*alto*) Podes dizer. Eu tenho paciencia para tudo.

SISNANDO — Ainda bem!... São muito para se ouvir... Ouvide.

«Entre as brigas, ruins brigas.
«Ai! que estrella, que se ergueu;
«Tinha luzeiros celestes,
«Linda estrella em lindo ceo.

«Mas soprou-lhe bafo impuro,
«Apagou-lhe o claro fogo;
«Duroo breve, instantes breves,
«Nasceu, brilhou, morreu logo.

ALVA (*áparte*) — Jesus, Jesus! Senhor Deus... não se lembra que tem uma filha!

D. BRITALDO (*baixo*) — Castinaldo tarda bem!
SISNANDO (*a D. Mendo*) — Conheceis esta historia?

D. MENDO — Não: continue.

SISNANDO

«D'um amor tirara o brilho

«Quem... mais d'um... perdeu sem dó:

«Ai! amor é como o sol

«Não pode haver mais que um só!

ALVA (*erguendo-se activa*) — E é Sisnando que diz tal! Isso é infamia, D. Sisnando!

D. BRITALDO (*contendo Alva, e reprimindo-se*) — Alva, que tendes?... São invenções aquillo... E o senhor de Riba-Dão, que as diz como ninguem.... Continua.

SISNANDO — Acabei já.

D. MENDO — E a que proposito se fizeram essas trovas?

SISNANDO — A proposito de um cavalleiro de tão altos pensamentos e tanta soberba d'alma, que chegando a amar uma mulher, dizia elle, á primeira suspeita que lhe entrasse o espirito... um dos dois havia de morrer!

D. MENDO — Era imperioso esse.

SISNANDO — Foi um coração de rei o cavalleiro que chegou a ter estes amores... N'um encontro que ajustou com a sua dama, em vez de ser um só o que a buscava... sem que ella explicasse aquillo... acharam-se dois!

ALVA (*para o pae*) — Ouvis, senhor?

D. BRITALDO (*com a mão no coração*) — Pois não ouço!... aqui!...

D. MENDO (*para Sisnando*) — Mentis!

SISNANDO (*depois de um vivo gesto de furor, socegando*) — Acharam-se. — Se era ella quem o outro buscava não o sabia então o cavalleiro... Ainda acreditava n'ella... Depois... a infiel accitou a mão e o nome... do outro! É mais do que suspeita isto!... E se a suspeita só... já vol-o disse, não?... se a suspeita só por si era...

ALVA (*caindo de joelhos*) — Perdoae-lhe, meu Deus, que está cego!

D. BRITALDO (*prorompindo*) — Era a morte d'um dos dois, disseste-o.... E a tua. Sabes o que me trouxe aqui? O impulso do meu odio.

SISNANDO (*rebrandando-lhe o impeto da ira comprimida*) — Louvado sejaes, Senhor Deus. Vou ajustar uma divida de dezeseis annos.

D. BRITALDO — Embora não venha Castinaldo!... E' insoffrivel já... (*levando da espada*) Sus, sus, parentes de Riba-Côa!

SISNANDO — Sus, sus, mancebos de Riba-Dão. (*Movimento hostile dos dois bandos. Vão a arremear-se uns sobre os outros. Alva cae sem accordo.*)
D. Mendo, que desaparecera momentaneamente, surge no alto dos degraus no topo do bastião, brandando):

D. MENDO — Sus, sus, gente d'Aguiar! (*detem-se todos: ao passo que elle falla, coroa-se o bastião, e rompem de toda a parte os d'Aguiar, separando e contendo os dois bandos*) Cavalleiros de Faria, sus! Alarma, vassallos, e burguezes! Sentido, esculcas e vigias!... Colher pontes e cadêas... fechar postigos e corredoiras... Desarmae-os... levae-os... Se quereis as suas espadas, que venham buscar-as quando fôr para as tornar contra o moiro! — Que pretendes vós, cavalleiros de Coimbra? Appellidava eu o vosso amor á terra goda, e vós appellidaveis os vossos odios!... Não me enganei convosco... Desgraça foi que vos esquecesse onde estaveis.... Aguar vem d'agua, senhores!... (*desce*) A vossa espada, D. Britaldo... a vossa tambem, D. Sisnando... Sou eu que vol-as peço.

SISNANDO — Esta! em quanto ahí tens outra?...
D. BRITALDO — A minha, podendo tu conquistá-la!...

D. MENDO (*tirando a sua, partindo-a em duas, e dando a cada um seu troço*) — Se por isso duvidaes... aqui tendes, varae-me o peito com esses pedaços... mas essas... deixae que vol-as conser-

ve para salvação d'esta terra... (*baixam ambos as suas espadas, reflectem e entregam-lhas em silencio*) Posso esperar ainda. (*tem-se executado as ordens de D. Mendo; tem saído a multidão subjugada pelos de Faria: ficam só alguns homens d'armas: D. Mendo, D. Britaldo, D. Sisnando, Alva, desmaiada, donas: D. Mendo prosegue ás donas*) Levae-a, levae-a tambem d'aqui... Melhor fôra que não visse isto... Tratae d'ella... Velae por ella!... (*levam-a: Sisnando vae a dar um passo para Alva, e detem-se, encarando D. Britaldo: equal gesto da parte de D. Britaldo*).

SISNANDO (*comsigo*) — E' fraqueza!

D. BRITALDO (*comsigo*) — Diante d'elle não! (*seguem-na ambos com os olhos aparentemente impassiveis*).

D. MENDO (*áparte, contemplando-os*) — Que homens!... Que almas!... Continua.

A' minha estrella.

Se soubesses, meiga estrella,
Como influes na minha vida,
Cada noite, inda mais bella,
Virias dizer-me, ó querida:
«Adora-me si?
«Nasci para ti.

Como é triste, se soubesses...
A noite que não te vejo,
Quando depois me appareces
Dirias, dando-me um beijo:
«Adora-me si?
«Nasci para ti.

Vejo o sol que o mundo aclara,
A lua que inspira tanto...
Mas a tua luz mais rara
Só tem este condão santo:
«Adora-me si?
«Nasci para ti.

Eu faço noite do dia:
Da noite, se me appareces,
Curto instante d'alegria
Porque dizer-me pareces:
«Adora-me si?
«Nasci para ti.

Já tu sabes, meiga estrella,
Como influes na minha vida:
Cada noite, inda mais bella,
Vem pois sempre e diz-me, qu'rida:
«Adora-me si?
«Nasci para ti.

Março, 1859.

ALFREDO HOGAN.

Miscellanea.

Mr. Frank vendeu em Paris algumas curiosidades bibliographicas: um exemplar dos Rationals de Durandus, impresso por Schaeffer, alcançou o preço de quatro mil e seiscentos francos. Um exemplar do Instituto de Justino, impresso em 1468, cinco mil e quatrocentos francos. Um outro meo mal conservado da Decretals de Gratian, impresso em 1472, tres mil francos.

A remota Constantinopola não quer ficar atraz ao resto da Europa em litteratura: possui dois jornaes francezes, um italiano, um turco, um armenio, um grego, e vae começar a publicação de um inglez com o titulo do *Arauto do Levante*, redigido por mr. M'Coan, letrado escocez.

Anecdotas.

Certo maire mandou escrever por cima da porta do cemiterio o seguinte lettreiro: «Aqui não se enterram senão os mortos que vivem na parochia.»

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA--Travessa da Victoria, 52.